

## CLIMA E SEGURANÇA ALIMENTAR

**\* Roberto Rodrigues**

Nas últimas semanas houve incremento no noticiário sobre uso de tecnologias na agropecuária, com resultados importantes no combate à fome no mundo todo. No 33º Encontro de Ministros e Gestores Públicos da América Latina organizada pela FAO em Santiago do Chile, o Diretor Geral desta instituição da ONU – o brasileiro José Graziano da Silva – comentou estudo segundo o qual, graças principalmente ao uso de novas tecnologias no campo, a fome foi reduzida pela metade em 16 países latino-americanos e caribenhos, inclusive o Brasil. O próprio Graziano lembra que a tecnologia não foi a única responsável por este avanço, mas também alguns programas governamentais dos países, sobretudo de caráter social, como o Fome Zero, o Bolsa Família e outros exemplos brasileiros. Mas também informa que mais de 20 países da região ainda não seguiram na mesma direção.

Por outro lado, cientistas e produtores de sementes reunidos no Comitê Estratégico Soja Brasil (CESB) estão trabalhando para aumentar a produtividade de soja para entre 67 e 90 sacas por hectare até 2020. Não é pouca coisa, uma vez que a produtividade da soja neste ano deve ficar em torno de 50 sacas por hectare. Esforços semelhantes são feitos com milho, trigo, arroz, feijão e outros alimentos.

O BNDES instituiu o Inova Tecnologia que vai aplicar recursos em avanços na cadeia produtiva da cana-de-açúcar.

Mas tanto no evento de Santiago quanto nas discussões sobre o futuro do agro brasileiro, tem estado presente uma preocupação central: a mudança climática.

E as discussões sobre este tema se estendem pelo mundo todo, sempre envoltas em algumas questões nebulosas: quanto vai mudar o clima? Qual a influência da ação humana neste fenômeno? Quanto a agropecuária será afetada?

Entre os estudiosos, parece não haver mais dúvida de que o clima está mesmo mudando, embora alguns especialistas ainda discordem de que estas mudanças sejam definitivas, e fariam parte de ciclos naturais.

Seja como for, não há dúvida de que eventos extremos têm ocorrido em todo o planeta. Agora mesmo vivemos no Brasil o auge de uma seca no sudeste e leste brasileiros que quebrou a produção agrícola em geral. Enquanto isso, há poucas semanas tivemos enchentes gigantescas no Acre, no Mato Grosso e em Rondônia, prejudicando lavouras e dificultando o escoamento das safras.

Esta constatação cruza com a questão tecnológica. Há grande necessidade de desenvolver novas variedades de plantas que se adaptem às mudanças de clima tendo em vista a manutenção da produção de alimentos em nosso país, dado seu papel relevante na garantia da segurança alimentar para o mundo todo.

A biotecnologia é, sem dúvida, importante instrumento para isso. A tese de que a transgenia permite produzir mais quilos por hectare nos países em que é admitida, agora ganha esta outra responsabilidade: criar rapidamente novos

cultivares resistentes a temperaturas mais altas e menor pluviosidade. Mas isto só não basta.

É preciso retomar o zoneamento agrícola como condição para a liberação do crédito rural com seguro efetivo. É possível que áreas hoje cultivadas com soja e milho, por exemplo, não comportem mais estas plantas no futuro. Também se diz que cana e café serão deslocadas para o sul do país. E com as pastagens, base da nossa pecuária, que acontecerá?

O fato é que muito precisa ser estudado, tecnologias precisam ser logo desenvolvidas, sem o que não haverá uma melhoria da segurança alimentar, sem falar na possibilidade de perdas gigantescas de renda no agro brasileiro.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA)**